
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

AS INTERFACES DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL:
PANORAMA ENTRE O PASSADO E O PRESENTE.

Mestranda Bruna Longo Biasoli
(PG – UNESP / FAPESP)

“Técnicas de negociação não funcionam tão bem com crianças porque no meio da negociação, elas dirão algo completamente desvinculado como, ‘Você sabia de uma coisa? Eu tenho um umbigo!’ , acabando completamente com sua atenção.”

Técnicas de negociação (Bennett: 1993).

RESUMO: O gosto do leitor, sobretudo o leitor infanto-juvenil, não é, muitas vezes, objeto de estudos e pesquisas. Tendo em mente o fato de que o leitor é alguém a quem cabe seduzir e convencer e que competir com os divertimentos virtuais não é uma tarefa fácil aos professores e pais que tentam estimular o gosto pela leitura em crianças e jovens, este artigo propõe traçar um perfil do leitor infanto-juvenil na década de 1980 e entre os anos de 1994 e 2004, a fim de verificar o que mudou nesses vinte anos, bem como estabelecer as preferências atuais desse tipo de público.

PALAVRAS-CHAVE: mercado, livro, leitor, literatura infanto-juvenil.

As pesquisas sobre leitura no Brasil vêm se desenvolvendo consideravelmente nos últimos anos. Muitos são os enfoques dados ao estudo do mercado editorial brasileiro, tais como o interesse comercial das editoras, os diversos tipos de gêneros literários, bem como os novos que surgem, o crescimento desse setor, a facilidade – ou não – do acesso do público leitor às obras, entre outros. O que se pretende aqui, no entanto, é fazer um estudo histórico do leitor, mais especificamente o leitor brasileiro de literatura infanto-juvenil, comparando aquele da década de 1980 com o dos dias atuais. Em outras palavras, procura-se, com este artigo, traçar um perfil desses leitores de ambos os períodos, tendo em mente as mudanças que ocorreram na preferência desse público, e tendo como objetivo maior, ainda, estabelecer

as preferências atuais do público infanto-juvenil no que se refere à leitura.

Há, atualmente, diversos autores que se preocupam com a literatura infanto-juvenil e dedicam suas obras a esse gênero literário, tais como Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Leonardo Arroyo, João Luis C. T. Ceccantini, Ligia Cademartori Magalhães, entre vários outros. Para essa revisão histórica, foram selecionadas obras dos quatro primeiros autores citados, conforme mostram as referências bibliográficas, ao final do artigo.

Segundo Ceccantini (2004: 20), o não-incentivo à pesquisa em literatura infanto-juvenil deve-se principalmente à “volatilidade do objeto em causa, resistente ao enquadramento em definições precisas e à clara delimitação e definição, situando-se numa espécie de limbo acadêmico, que o transforma, por vezes, em propriedade de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém.” Ainda, no pensamento de Hunt:

Trata-se de um tipo de literatura cujas fronteiras são muito nebulosas; não pode ser definido por características textuais, seja de estilo, seja de conteúdo, e seu público principal, a “criança-leitora”, é igualmente escorregadio. Como um *outsider* do universo acadêmico, não se encaixa nitidamente em nenhuma das disciplinas estabelecidas e tem sido certamente esnobado por alguma delas. (Ceccantini 1990: 1).

Em outras palavras, a falta de definição da literatura infanto-juvenil, decorrente da diversidade de estilos e de conteúdos que a compõem, bem como seu tipo de público, “escorregadio”, segundo o autor, é o que contribui para que esse gênero literário de grande importância seja diminuído, muitas vezes, pelo universo acadêmico.

Antes de traçar o perfil do leitor brasileiro de literatura infanto-juvenil na década de 1980 e do período entre 1994 a 2004, e estabelecer, posteriormente, a comparação entre ambos, torna-se necessário esboçar um histórico sobre o período considerado como o início da formação de tal gênero literário. Esse processo de formação contou, também, com o livro didático, sobre o qual se discorrerá mais adiante.

Sendo assim, é impossível falar sobre literatura infanto-juvenil e não inserir, neste quadro, Monteiro Lobato. Preocupado com a literatura infantil, Monteiro Lobato publicou, em 1921, *Narizinho Arrebitado* – segundo livro de leitura para uso das escolas primárias. Embora estivesse estreando na literatura escolar com *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato já trazia em sua primeira obra as diretrizes de uma literatura infanto-juvenil:

o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. (Arroyo 1968: 198)

Pode-se dizer, com isso, que Monteiro Lobato foi o pioneiro a pensar na literatura infantil enquanto algo que deveria ser estimulado na criança, de modo que ela adquirisse o hábito e o prazer pela leitura, não mais se restringindo à obrigação pedagógica dos livros didáticos.

Dez anos depois de sua primeira publicação para este tipo de público, Monteiro Lobato remodelou a história original de *Narizinho* e reuniu algumas outras que havia escrito até então. Com isso, romancistas e críticos compartilharam a evolução da literatura infantil brasileira, embora de modo diferenciado: alguns recorreram ao folclore e às histórias populares:

O crescimento quantitativo da produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte nacional demonstram que o mercado estava sendo favorável aos livros. Essa situação relaciona-se aos fatores sociais: a consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país, o aumento da escolarização dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte após a revolução modernista. Há maior número de consumidores, acelerando a oferta; e há a resposta das novas editoras, motivando a revelação de novos nomes e títulos para esse público desinteressado. (Lajolo & Zilberman 1998: 47)

Assim, pode-se dizer que foi nesse período que o mercado editorial, sobretudo o mercado voltado para o público infanto-juvenil, começou a se concretizar. Monteiro Lobato foi, portanto, um autor que muito contribuiu para este marco na literatura infanto-juvenil.

O ano seguinte ao lançamento de *Narizinho Arrebitado* prometia ser festivo, pois era a época de comemoração do centenário da independência política. Mas o ano de 1922 acabou sendo marcante por outros fatores. O primeiro foi a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, durante o mês de fevereiro. O segundo, ocorrido no Rio de Janeiro, foi o movimento de Copacabana, reunindo os militares revoltados com o rumo conservador da política brasileira. O terceiro movimento renovador ocorreu no campo da educação, onde pedagogos, influenciados pelo pensamento norte-americano, fundaram o movimento da Escola Nova. Opondo-se a um ensino destinado à elite, visavam à escolarização de toda a população. As reformas ocorreram, mas nenhuma conseguiu estabelecer um sistema de ensino eficaz:

os livros para crianças foram profunda e sinceramente nacionalistas, a ponto de elaborarem uma história cheia de heróis e aventuras para o Brasil, seu principal protagonista. Da mesma maneira, eles se lançaram ao recolhimento do folclore e das tradições orais do povo, com interesse similar as das escolas de samba, ao pesquisar os enredos para os desfiles. Porém, visando contar com o aval público adulto, a literatura infantil foi preferencialmente educativa e bem comportada, podendo transitar com facilidade na sala de aula ou, fora dela, substituí-la. (Lajolo & Zilberman 1998: 54).

Desde seu primeiro livro para crianças, Monteiro Lobato, paradigma da literatura infantil brasileira, buscou inserir em suas obras elementos educativos. *O sítio do Pica-pau amarelo* representa mais do que uma simples história ingênua e rural. O sítio não é apenas o cenário onde a ação pode ocorrer, mas representa uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a respeito da criação de obras para a infância.

As terras de Dona Benta desempenham função de uma escola, sendo a proprietária a professora ideal e os alunos, os moradores do sítio:

O sítio metamorfoseia-se numa escola paralela, reforçando a aversão do escritor pela instituição tradicional de ensino, cujas disposições física e psicológica o degradavam. Trata de substituí-las dando-lhe arranjo diferente, ao mesmo tempo antigo e moderno. Antigo, porque o modelo é a escola grega (...): um sistema de ensino que evoluiu através do diálogo, sem conclusões pré-fabricadas ou conclusões previstas por antecipação. Além disso, não supõe um espaço predeterminado, fixo de antemão e classificado como sala de aula. O espaço dessa escola lobateana muda segundo as conveniências, podendo ser tanto a sala principal da sede do sítio (...), ou a paisagem. (Lajolo & Zilberman 1998: 76).

Percebe-se, portanto, que Monteiro Lobato tinha a preocupação de relacionar a literatura infanto-juvenil com a educação, tentando conciliar tradição e inovação, tendo em mente, porém, produzir histórias que fossem além dos limites das paredes de uma sala de aula.

O aproveitamento da tradição popular, de transmissão originalmente oral e vinculada às populações dependentes da economia agrícola, sempre foi uma constante da literatura infantil desde seu aparecimento na Europa, nos séculos XVIII e XIX. No Brasil, não aconteceu essa apropriação direta do material, e sim o recurso ao acervo europeu, quando este já tinha assumido a condição de literatura para crianças.

Com a disseminação do Modernismo, para o qual uma das fontes inspiradoras era o folclore, as chances de que esse tema fosse aproveitado aumentaram. Mesmo com a incorporação do acervo lendário e popular à literatura infantil, porém, nada impediu a adaptação de obras estrangeiras. Isto é, as obras vindas do exterior, com suas diferentes culturas, ainda eram consumidas pelo público infanto-juvenil. No setor da tradução, vários trabalhos de qualidade apareceram entre os séculos XIX e XX, orientados por professores e escritores brasileiros. Deve-se destacar a atuação de Carlos Jansen, que traduziu para o português muitas obras estrangeiras, como *As viagens de Gulliver*.

É preciso lembrar um importante fator para a proliferação das traduções de obras infanto-juvenis: a formação da infância brasileira após a década de 30, período em que se tornou obrigatória a frequência à escola. Até então, persistia a influência das amas-de-leite, escravas e ex-escravas, a quem cabia, entre outras tarefas, transmitir o ensino sobre, principalmente, a pátria.

O nacionalismo foi uma bandeira do Modernismo, mas, na literatura para crianças, repercutiu de maneira tradicionalista. Verifica-se a presença de uma visão cívica da pátria, fazendo das histórias pretexto para a valorização de símbolos, heróis ou episódios nacionais. Monteiro Lobato foi marcante neste período da literatura infanto-juvenil, pois, em suas obras, o espaço físico e a natureza são tão importantes quanto as personagens humanas das histórias.

Atualmente, o que se vê é uma diversidade de temas que enriquecem o mercado livreiro infanto-juvenil. Isso, porém, não garante seu pleno sucesso, visto que o livro sofre

grande concorrência com outros objetos de lazer, muitas vezes preferidos pela criança e pelo jovem. Recentemente, Ferreira (2001: 11) narrou uma história da produção acadêmica sobre leitura. Segundo a autora, o livro está, atualmente, ameaçado por meios de comunicação mais atrativos, como a TV, o cinema, o vídeo-game e o CD-ROM e a internet. Trata-se, porém, ainda, da melhor forma de registrar o fim de uma civilização e o início de outra, pelas histórias contadas por homens daquele momento e daquele lugar. Nada retrata tão bem uma civilização quanto um livro produzido em sua época.

O livro é um produto intelectual, que se concretiza num certo suporte de material e envolve não só o autor e o leitor, mas diferentes pessoas que se incumbem de (re)organizar um conjunto de impressão, distribuição e circulação dessa mercadoria. Uma mercadoria que, como tal, é objeto de produção e consumo. No encontro entre o livro editado e o leitor se produz um universo de crença no valor do seu produto (leitura é um bem necessário), construído e determinado pelo mercado. A leitura vive de uma propaganda dela própria que é de interesse dos agentes econômicos envolvidos na produção de objetos de leitura e que investem em (novos e mais) consumidores. (Ferreira 2001: 11)

Sendo o livro esse produto intelectual, de suporte menos moderno que os virtuais, porém a forma mais completa de transmissão cultural, cabe ao autor manter o leitor convencido de que o livro é capaz de suprir muitas das necessidades intelectuais do ser humano. O leitor é um sujeito a quem se deve seduzir e convencer, sobretudo o leitor infanto-juvenil, visto que as crianças e os jovens, além de já não estarem habituados ao universo da leitura fora daquilo que lhe é imposto pela escola, hoje em dia são muito mais atraídos pelos jogos virtuais, pela internet e por tudo o que estiver relacionado a entretenimento vinculado à tecnologia.

É preocupante observar como, no Brasil, em meio a tantos campos de conhecimento, há, de acordo com Ceccantini (2004: 34), um grande “empurra-empurra (...) para ver a quem cabe o ‘pesado fardo’ de se ocupar da literatura infanto-juvenil”. Para uma expansão desse gênero literário, tornam-se necessárias pesquisas na área e divulgações, inclusive em meios não-acadêmicos. No entanto, em diversos veículos de comunicação renomados, pouca atenção é dada à literatura infanto-juvenil.

Se considerarmos revistas semanais de grande tiragem, como *Veja*, *Isto é* e *Época* ou, para ficar circunscrito ao contexto específico paulista, se nos ocuparmos dos cadernos de cultura de jornais como *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, verificaremos que não há absolutamente colunas que, de forma sistemática e com periodicidade regular, se dediquem à crítica das obras infanto-juvenis lançadas no mercado. Quando muito, nos suplementos infantis ou juvenis desses jornais, ocorre a divulgação dos lançamentos de obras, acompanhada vez por outra por um ou outro comentário breve da equipe de redação ou dos próprios leitores. Para além dessas publicações, talvez se pudesse lembrar quando muito as curtas resenhas de obras infanto-juvenis em alguma revista feminina, como *Cláudia*, ou nas poucas revistas de grande

circulação voltadas explicitamente ao professor de Ensino Fundamental, como *Nova Escola*. (Ceccantini 2004: 34)

Como se vê, a literatura infanto-juvenil é, muitas vezes, marginalizada, não recebendo o devido incentivo que merece. Tal incentivo deveria começar justamente na divulgação, pelos jornais e revistas de grande circulação, de novas obras, de novos autores e de novos temas. Assim, com maior divulgação desse gênero literário, além de outros recursos necessários, a adesão dos leitores mirins ao mundo das letras se tornaria mais fácil.

O livro, no entanto, não está, muitas vezes, ligado à diversão das crianças e dos jovens. Por isso, deve-se estudar a fundo o gosto desses pequenos leitores e, assim, mudar esse quadro de desapego à leitura, pois estimular o leitor infanto-juvenil é o primeiro passo para que ele seja um leitor ativo quando adulto. Com tantas facilidades de acesso ao livro, bem como a diversidade de obras infanto-juvenis como temos hoje, chega a ser um desperdício a não-adesão das crianças e dos jovens ao mundo das letras.

O acesso ao livro no Brasil, porém, nem sempre foi tão facilitado como atualmente, com algumas exceções. Até o século XIX, esse mercado estava ainda pouco desenvolvido; a produção de livros não era realizada em larga escala e, além disso, não era possível um escritor viver da venda de suas obras. Assim, tendo ele que trabalhar em outra área, não sobrava muito tempo para novas produções; esses eram os dois principais fatores que impediam o mercado livreiro de se expandir. Mesmo com a existência de instrumentos legais para a regulamentação entre escritores e editoras e o surgimento da concorrência entre as editoras que surgiam (sobretudo entre Laemmert e Garnier, que se firmaram no Brasil por volta de 1872), o que é sempre bom para a melhora de qualquer mercado, não se pode dizer que a profissionalização do escritor já estava estabelecida nessa época.

A profissionalização se firmou, primeiramente, no mercado escolar. Foi nesse ramo que, por ser o único setor que trabalhava com o livro didático, muito rentável na época, nasceram os primeiros esboços de uma literatura infanto-juvenil. O livro didático era retorno garantido para as editoras, juntamente com os paradidáticos, que tanto atraíam as crianças devido ao colorido das imagens, ao consumo parcelado e ao final feliz. Para Lajolo & Zilberman, “o livro didático talvez seja uma das modalidades mais antigas de expressão escrita, já que é uma das condições para o funcionamento da escola” (1998: 121).

Sua existência depende de algumas condições. A primeira é a formação de uma política educacional, ou seja, se a educação dos indivíduos passa pela escola, então é preciso produzir livros para estudantes e, ao mesmo tempo, dispor de professores, também formados por esses livros. A segunda relaciona-se à estrutura tecnológica: para produzir livro, são necessárias tipografias e editoras, como já citado:

O livro didático, esse primo-pobre, mas de ascendência nobre, é poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação, que, por intermédio de sua trajetória de publicações e leituras, dá a entender que rumos seus governantes escolheram para a educação, desenvolvimento e capacitação intelectual e profissional dos habitantes de um país. (Lajolo & Zilberman, 1998: 122)

O livro didático é, portanto, um reflexo da educação de um país. Vale ressaltar, contudo, que o livro didático é apenas o primeiro passo para o contato da criança com uma produção editorial. Esse tipo de produção não garante, assim, que o aluno se tornará um leitor ativo, pois a leitura é um hábito que deve ser adquirido e realizado por prazer, sem as imposições feitas pelo livro didático.

Em outras palavras, é preciso estimular o gosto pela leitura, o que fará com que a criança e o jovem tenham a curiosidade e a necessidade do conhecimento, fazendo com que busquem sempre novas obras, diferentes daquelas estabelecidas pelos professores ou sugeridas pelos pais. Reduzir o universo da leitura a apenas alguns livros didáticos não é o caminho para formar um leitor ativo; é preciso que os professores indiquem outras leituras.

Um caminho que pode ser o início desse estímulo tão necessário às crianças e aos jovens são as obras paradidáticas. Sem a mesma imposição dos livros didáticos, as obras paradidáticas, indicadas pelos professores, devem ser bem escolhidas, pois, além de serem excelentes ferramentas de ensino, podem contribuir para a adesão de seus leitores ao mundo das letras. De nada adianta indicar aos alunos uma obra rica em vocabulário, de estrutura narrativa complexa, por exemplo, se essa obra não cair no gosto deles; assim, definitivamente, a criança e o jovem estarão cada vez mais alheios ao mundo da leitura por prazer. Para que a escolha das obras paradidáticas a serem indicadas seja bem sucedida, é preciso conhecer o gosto da criança e do jovem com quem se está lidando.

A importância destinada à literatura infanto-juvenil é algo relativamente recente. Somente no século XIX a escola começou a se organizar e o livro didático, agora mais aperfeiçoado, deu outra forma ao ensino, principalmente ao da leitura de literatura infanto-juvenil. Até então, as crianças e os jovens não podiam se valer de uma literatura dedicada totalmente a eles, o que fazia com que lessem obras endereçadas aos adultos ou, na maioria das vezes, nada lessem.

As primeiras obras publicadas que tinham como alvo o público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade de século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1964, por exemplo.

Mas os escritores franceses não retiveram a exclusividade do desenvolvimento da literatura para crianças. A expansão deu-se simultaneamente na Inglaterra, país onde foi mais evidente sua associação a acontecimentos de fundo econômico e social que influíam na determinação das características adotadas.

Um dos fenômenos mais gerais que marcou o século XVIII e que, indiretamente, favoreceu o mercado literário infanto-juvenil foi a industrialização. As fábricas, localizadas nos centros urbanos, atraíam trabalhadores vindos do campo, que partiam em busca de melhores oportunidades de serviço. A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza por meio da divisão de trabalho entre seus membros, convertia-se na finalidade existencial do indivíduo.

A criança passa a deter um novo papel nessa sociedade que cresce a cada dia, mo-

tivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria). E a escola, agora já mais organizada, assume o importante papel de introduzir os jovens ao hábito da leitura. Dispensável até o século XVIII, a escolarização foi convertendo-se, aos poucos, na atividade compulsória da criança e a frequência às salas de aula torna-se seu destino natural.

Como a família, a escola se qualifica como espaço de mediação entre a criança e a sociedade. Além do mais, ela ajuda a reduzir do mercado um contingente considerável de operários mirins, que ocupavam, nas fábricas, o lugar dos adultos. Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infanto-juvenil assume, desde o começo, a condição de mercadoria. No século XVIII, aperfeiçoa-se a tipografia e expande-se a produção de livros. No Brasil, a história da literatura brasileira para a infância começou tardiamente. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, começam a ser publicados livros para crianças. Com a idéia de que o hábito de ler era importante para a formação do cidadão, começam a sistematizarem-se os primeiros esforços para a consolidação dessa literatura indicada ao público infanto-juvenil. Mesmo com dificuldades como a carência de tradução e adaptação das obras provenientes da Europa, o mercado editorial infanto-juvenil começa a concretizar-se no Brasil.

Cerca de dois séculos se passaram e, hoje em dia já bem estabelecido, o mercado editorial brasileiro cresce consideravelmente e, com isso, a literatura infanto-juvenil ganha cada vez mais espaço dentro do setor; diversos são os autores, grande é a diversidade de obras destinadas a esse público. Pode-se dizer que as dificuldades que existiam séculos atrás, como a falta de tipografias e a não-profissionalização do escritor, como já citados, hoje em dia não existem mais.

O que se vê no quadro da literatura infanto-juvenil brasileira, atualmente, é que há uma maior conscientização da importância desse gênero literário, até por uma questão de cidadania, pois é inegável o fato de que, por meio de livros, são trabalhadas diversas questões importantes para a constituição de um cidadão no futuro. No entanto, ainda é necessário mais incentivo à questão da literatura infanto-juvenil, a fim de cada vez mais manter crianças e jovens ligados aos livros.

Freqüentemente surgem questões relacionadas ao fato de que se a criança ou o jovem que comprou determinada obra realmente a leu. É importante lembrar que, tratando-se de crianças, as escolhas das obras que por elas serão lidas são feitas, geralmente, pelos pais ou professores. Ela, portanto, dificilmente irá até uma livraria e escolherá, sem influência, o que gostaria de ler. No entanto, os resultados a que se chegou são dados provindos de jornais e revistas; não é do âmbito dessa pesquisa, portanto, questionar se as obras que apareceram nas listas realmente foram lidas pelo público que a comprou. O fato de tais obras serem as mais vendidas já basta e indica que elas despertaram algum interesse em seus consumidores.

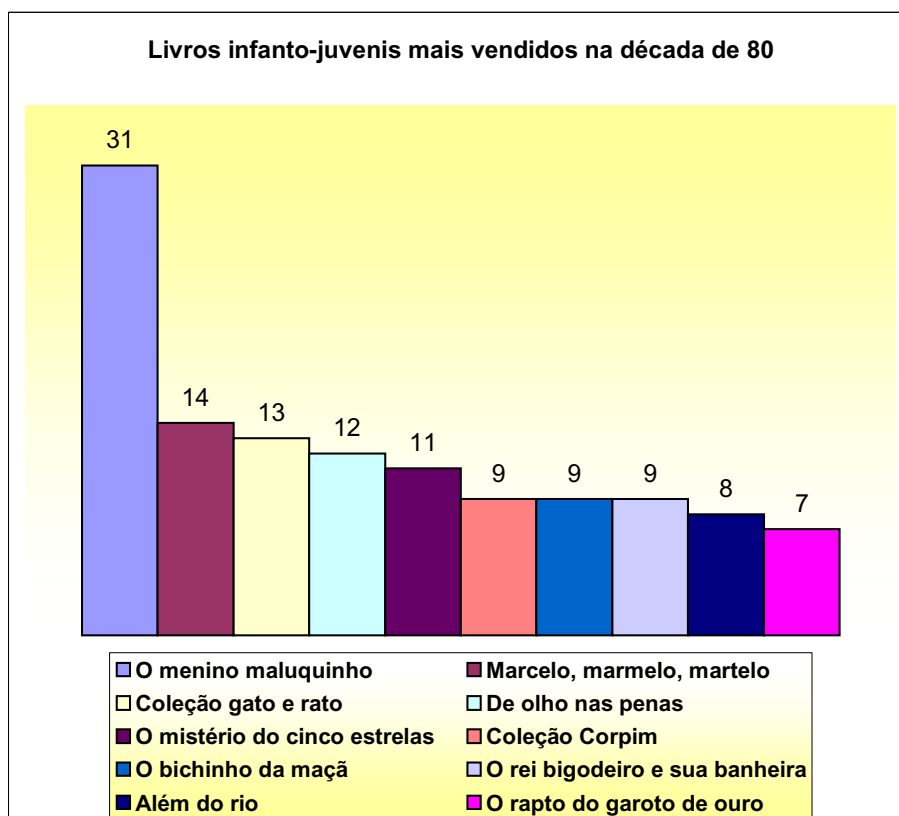
Já com os jovens, visto que se trata de literatura infanto-juvenil, isso não ocorre; eles são capazes de escolher, aceitar ou descartar as obras dos mais diversos temas que surgem no mercado, sobretudo os best-sellers, como a série de *Harry Potter* (Rowling 2000 – 2006) que, nesse caso, é uma produção literária extremamente aceita pelo público jovem atual.

Mas o que o público infanto-juvenil busca nos textos que lê? Houve alguma mudança entre suas preferências de cerca de vinte anos para cá? A fim de responder a essas perguntas, propõem-se alguns dados coletados sobre o mercado livreiro infanto-juvenil da década de

1980 e do período entre 1994 a 2004, ou seja, até praticamente os dias atuais. Vale ressaltar que o período entre 1990 e 1994 ficou fora da cobertura da pesquisa por uma questão de falta de fonte. Todas as fontes utilizadas na coleta dos dados não fornecem informações sobre os livros mais vendidos de literatura infanto-juvenil do período entre 1990 e 1994, mantendo apenas as listas tradicionais de ficção e não-ficção, juntamente com listas contendo livros de temas como esoterismo, política, economia, negócios, erotismo, educação e geopolítica, que alternavam entre si.

Partindo de um levantamento de dados realizado pelo prof. Dr. Arnaldo Cortina (UNESP – Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara) em seu projeto de pesquisa intitulado “História da leitura no Brasil: 1960-2000”, cujas fontes foram o *Jornal do Brasil* e o *Jornal Leia*, pôde-se detectar os livros de literatura infanto-juvenil mais vendidos na década de 1980 no Brasil. Os dados relativos ao período de 1994 a 2004 também foram extraídos de ambos os jornais, e foram complementados pela revista *Veja* e pela revista *Época* que, por mais que não publiquem resenhas e matérias sobre a literatura infanto-juvenil, começaram a publicar no ano de 2000 pequenas listas dos mais vendidos desse gênero. Uma vez levantados esses dados provindos das listas mensais de jornais e de revistas, foi possível chegar aos dez livros desse gênero que mais apareceram na coleta.

Para uma melhor visualização da proporção de venda entre eles, propõe-se o gráfico abaixo, primeiramente sobre a década de 1980.



Os números representam quantas vezes a obra apareceu nas listas mensais do *Jornal Leia* e do *Jornal do Brasil* no período de dez anos. Percebe-se, claramente, uma divisão entre as obras consumidas pelas crianças – *O menino maluquinho* (Ziraldo, 1980), *Marcelo, marmelo, martelo* (Ruth Rocha, p. 1976), *Coleção gato e rato* (Mary Eliardo França, 1978), *Coleção Corpim* (Ziraldo, s. d.), *O bichinho da maçã* (Ziraldo, s. d.), *O rei bigodeiro e sua banheira* (Audrey Wood, 1989) e *Além do Rio* (Ziraldo, 1986) – e as obras consumidas pelos jovens – *De olho nas penas* (Ana Maria Machado, 1985), *O mistério do cinco estrelas* (Marcos Rey, 1990) e *O rapto do garoto de ouro* (Marcos Rey, 1983).

Pode-se notar, ao ler essas obras, uma preferência, por parte da criança dessa época, por obras de diversos gêneros. A obra mais vendida, *O menino maluquinho* - assim como *Marcelo, marmelo, martelo* e *O rei bigodeiro e sua banheira* - pertence ao gênero comédia que, nesse caso, une o visual com o verbal, o que facilita a compreensão até mesmo da criança que não sabe ler. As obras infantis que aparecem no gráfico são o que se pode chamar de inter-relação entre o código visual e o escrito. Ao descrever as características físicas da personagem central, o autor faz um revezamento dos códigos, entrelaçando-os. Em *O menino maluquinho*, além dessa mescla entre o visual e o escrito, há ainda um segundo fator responsável por seu grande sucesso; enquanto o código escrito dá ao leitor o sentido metafórico da palavra, o código visual dá o sentido literal, o que propicia um toque de humor e versatilidade ao livro.

A hipótese levantada para o fato de esse livro ter sido o mais vendido durante a década de 1980 é o fato de que a obra toca na questão da irreverência das crianças da época, que não são mais comportadas e obedientes como eram antigamente. A personagem do livro mexe com o estereótipo da criança bem comportada e a coloca como ativa. Isso faz com que aquelas crianças que são tão agitadas quanto o menino maluquinho se identifiquem com ele ao ler a obra e, mesmo aquelas mais comportadas, também se divertirão, pois a ousadia e a alegria da personagem cativam a todos.

O que o menino maluquinho faz é uma inversão de valores; na grande maioria dos casos, o menino bom é o menino comportado e obediente, já o menino mal é travesso e agitado. Com ele ocorre o contrário, pois ele é travesso, agitado e, muitas vezes, desobediente, no entanto, é uma criança muito bondosa e carinhosa com sua família e seus amigos. Isso é que provoca empatia no leitor e, conseqüentemente, agrada-lhe.

Percebe-se, portanto que, com exceção de *O bichinho da maçã*, que pertence ao gênero natureza/meio ambiente, *O rei bigodeiro e sua banheira*, que chama a atenção pelas riquíssimas ilustrações da corte, e *Coleção gato e rato*, do gênero aventura, em que a palavra assume uma musicalidade muito próxima à poesia, o tema, dentre todos os gêneros citados, mais recorrente nas obras mais consumidas pelo público infantil na década de 1980 é a própria criança e suas descobertas.

Na faixa etária em que a criança lê essas obras, começa seu processo de percepção do mundo, o que é retratado em *Marcelo, marmelo, martelo*, onde o menino Marcelo queria dar um novo nome a todos os objetos à sua volta de acordo com a função que exerciam. O mesmo ocorre em *Além do rio*, do gênero aventura, que, embora discorra sobre uma percepção diferente da retratada em *Marcelo, marmelo, martelo*, narra uma viagem pela região amazônica, descrevendo suas montanhas e vegetação, o que faz com que a criança conheça outros hori-

zontes. A criança, ao mesmo tempo, começa a descobrir a si mesma, como mostram *O menino maluquinho* e a *Coleção Corpim*, pertencente ao gênero poesia, que chama a atenção para a questão do corpo e do autoconhecimento necessário a ela.

Já os jovens eram atraídos por histórias de suspense, que aguçam a curiosidade e prendem a atenção. As obras *O mistério do cinco estrelas*, que narra um assassinato em um hotel, e *O rapto do garoto de ouro*, que conta a história de um seqüestro de um rapaz que estava se tornando ídolo do rock, são exemplos de enredos que atraem o jovem, pois chegar até o final e descobrir o mistério dá a ele a sensação de desvendar um segredo e, assim, sanar sua curiosidade, tão estimulada ao longo de todo o livro. Trata-se do romance policial, que foi comumente adaptado aos jovens, em virtude de sua grande aceitação.

Esse gosto, ligado à curiosidade, vem desde a época dos folhetins (século XIX), que consistiam em um suporte mais dinâmico e eram publicados nos jornais. Uma obra escrita na forma de folhetim chegava aos leitores, portanto, fragmentada, ou seja, em capítulos isolados, um por dia. Isso permitia que várias pessoas lessem a mesma obra ao mesmo tempo e poderia até incentivar o gosto pela leitura, uma vez que aguçava a curiosidade do público, que sempre esperava o próximo capítulo chegar.

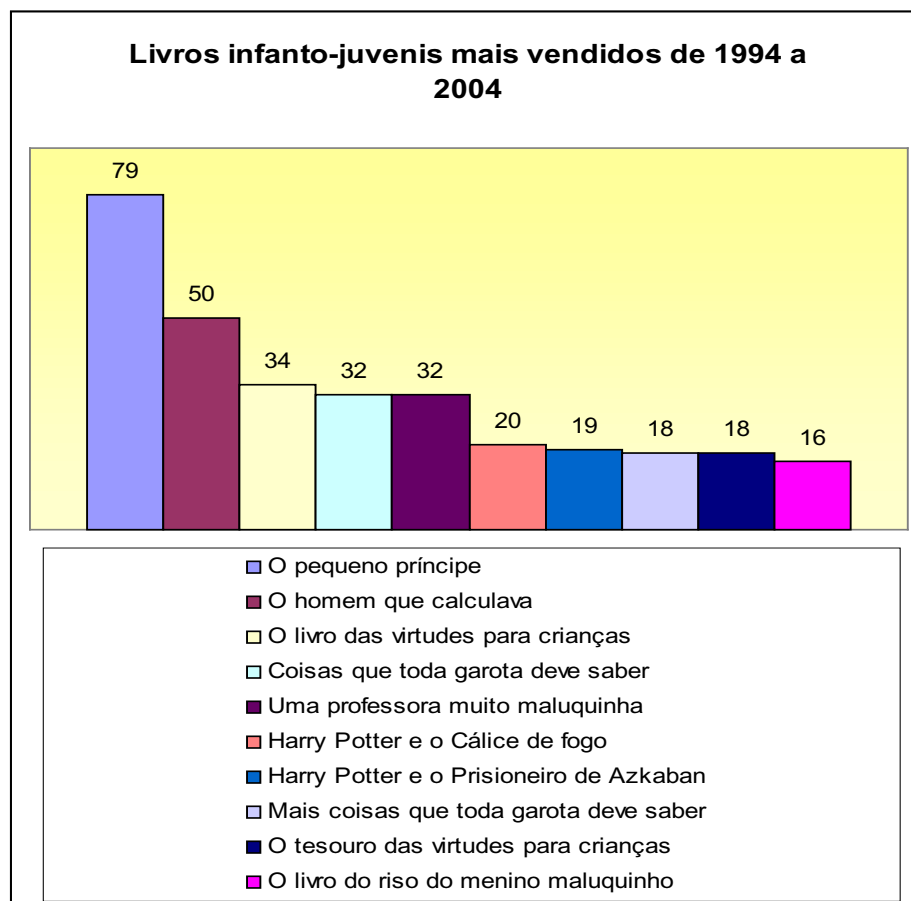
A emergência da narrativa policial, segundo Dubois (1992), corresponde a uma evolução das formas literárias, mesmo que essa evolução seja escondida por fenômenos não-literários. Dessa forma, o surgimento de um novo gênero revela uma mudança no campo das letras. Dubois (1992) mostra como o romance policial deriva, em larga escala, do folhetim, que se divide em diversos gêneros especializados (aventuras, antecipação, literatura para moças etc.), os quais buscam dar conta da diversidade do público.

A imagem do universo social como labirinto é emblemática nas duas formas de romance. No folhetim, a complexidade da narrativa procura dar conta da *grande cidade*, labirinto ao mesmo tempo espacial e social; no RP [romance policial] clássico, a trama se assenta em geral em um grupo social restrito, quase sempre a família. Da encenação da esfera pública se passa à encenação da esfera privada. Essa passagem do público ao privado (simbolizada ainda pelo “mistério do quarto fechado”) acompanha uma percepção modificada das relações de classe. Sumariamente, onde o folhetim, dentro de uma visão romântica, coloca em frente aristocracia e povo, unindo-os por misteriosas passarelas, o RP colocará uma classe “média”, embora a atração pela nobreza permaneça grande. (Almeida, s. d).

A outra obra que se destaca na preferência do jovem na década de 1980 é *De olho nas penas*, do gênero aventura, que, através da magia, discorre sobre as penas do mundo (o sofrimento, a violência o descaso com a natureza, etc.). Trata-se da história de um menino chamado Miguel que faz uma viagem maravilhosa mundo afora, sempre nas costas de um belo pássaro. Assim, ele desvenda os segredos do mundo e da América Latina, enquanto o pássaro mostra a ele quanta miséria, entre outros diversos problemas, o mundo enfrenta.

Estabelecidos os temas que mais atraíram o público infanto-juvenil na década de 1980, deve-se pensar sobre as eventuais mudanças ocorridas no gosto das crianças e dos

juvems nesses vinte anos. Abaixo está o segundo gráfico, que proporcionará a visualização do mercado livreiro infanto-juvenil dos dias atuais. Os números, assim como no primeiro gráfico, representam quantas vezes determinada obra apareceu nas listas semanais dos jornais utilizados como fonte, juntamente com as listas semanais das revistas, conforme já explicado.



Assim como nas obras mais vendidas na década de 1980, percebe-se a divisão entre as obras infantis - *O pequeno príncipe* (Saint-Exupéry, 1943) (embora seja lido por pessoas de várias idades), *O livro das virtudes para crianças* (Willian J. Bennett, org., 1984), *Uma professora muito maluquinha* (Ziraldo: 1995), *O tesouro das virtudes para crianças* (Ana Maria Machado, 1999) e *O livro do riso do menino maluquinho* (Ziraldo, 2000) – e as obras juvenis - *O homem que calculava* (Malba Tahan, 1984), *Coisas que toda garota deve saber* (Samantha Rugen, 1997), *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (J. K. Rowling, 2000), *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (J. K. Rowling, 1999) e *Mais coisas que toda garota deve saber* (Antonio Carlos Vilela: 1998).

Pode-se, também, observar os gêneros mais recorrentes que agradavam às crianças e aos jovens desses dez anos. Um gênero que teve grande destaque foi fantasia, tanto pelo público infantil quanto pelo juvenil, em que se inserem *O pequeno príncipe* que, carregado de lições de vida, narra a história de um menino cheio de magia, cuja imaginação era seu maior

combustível, assim como os dois exemplares da série de *Harry Potter*, que são *Harry Potter o e Cálice de Fogo* e *Harry Potter o e Prisioneiro de Azkaban*, cujo enredo são as aventuras de um menino que estuda em uma escola de bruxos.

A série de *Harry Potter* merece especial atenção, por se tratar de um fenômeno literário, e, também, por ser lida por crianças, jovens e, até mesmo, por adultos. É inegável a influência da mídia no processo de vendagem dos volumes de *Harry Potter*, com o processo de divulgação, a mídia cria, no leitor, uma grande expectativa a cada novo volume que é lançado, bem como a cada lançamento da série no cinema, o que é outra consequência do enorme sucesso dos livros da autora J. K. Rowling. O sucesso da série de *Harry Potter* se dá por, basicamente, um fator, que engloba vários outros: a questão da identificação do leitor com a personagem. “Harry Potter, antes de ser um bruxo com poderes mágicos, é um pré-adolescente que vive um processo de aprendizagem. Nesse sentido, é igual a qualquer criança a quem o texto parece, inicialmente, estar se dirigindo” (Cortina 2004: 180). A autora consegue abordar temas comuns aos pré-adolescentes, como amizade, namoro, descobrimento de si mesmo, de forma mágica, o que causa uma profunda identificação do leitor com as personagens, além de encantar seu público, que tem sua imaginação estimulada a cada página.

Vale destacar, também, o fato de que a obra mais vendida entre os anos de 1994 e 2004, *O pequeno príncipe*, tenha sido escrita na década de 40, e é lida, no entanto, até os dias atuais. Esse clássico da literatura francesa foi escrito pelo autor, jornalista e piloto francês Antoine de Saint-Exupéry, no ano de 1943, um ano antes de sua morte. De todas as obras do autor, essa é, sem dúvida, a mais conhecida. Externamente, parece ser um simples livro para crianças, mas *O Pequeno Príncipe* é, na verdade, um livro que aborda temas profundos, sendo escrito de forma enigmática e metafórica.

A obra, poética e filosófica, foi traduzida para muitas línguas, como português, inglês, espanhol, italiano, entre outras. Também dela foram feitas histórias para serem ouvidas, filmes e desenhos animados, além de adaptações. Isso demonstra a universalidade dessa obra; sua permanência, até os dias atuais, nas listas dos livros mais vendidos é compreensível, visto que a obra aborda questões atemporais, tais como a amizade, a pureza da infância, a curiosidade que impulsiona as crianças nessa fase da vida, bem como suas descobertas e decepções. O sucesso da obra de Saint-Exupéry é inegável, sendo até hoje uma referência ao se tratar de literatura infanto-juvenil.

Os leitores infantis dessa época também se interessaram por obras cujo alicerce era a comédia, como *Uma professora muito maluquinha*, que narra o método de ensino de uma professora muito inovadora que ousa devolver à sala de aula e aos alunos o entusiasmo que deles é, comumente, roubado, e *O riso do menino maluquinho*, que consiste em um pequeno livro de piadas para crianças, bem como as obras de tema comportamento/moral, como *O livro das virtudes para crianças* e *O tesouro das virtudes para crianças*, que ensinam às crianças valores como coragem, perseverança, trabalho, disciplina, responsabilidade, entre outros.

Já os jovens se interessavam por, além da fantasia, obras cujo gênero era adolescência/sexualidade, representado por *Coisas que toda garota deve saber*, explorando descobertas das meninas na transição da infância para a adolescência, e *Mais coisas que toda garota deve saber*, que ensina às leitoras algumas regras de etiqueta que toda menina bem comportada deve saber.

As mudanças biológicas que ocorrem na adolescência trazem conflitos emocionais. Surge, então, a necessidade de adaptação, que deve ser interna e externa. É a fim de suprir essa necessidade que os dois livros que compõem o tema adolescência/sexualidade trabalham. O primeiro deles discorre sobre as mudanças que ocorrem no corpo da menina, explicando-as e, até mesmo, sugerindo soluções, como, por exemplo, técnicas para curar as acnes. Além disso, o livro ensina à leitora como se maquiar, como se vestir bem e dá dicas de como lidar com a timidez. O segundo livro desse tema é voltado para a sexualidade, discorrendo sobre temas como o estupro, a primeira relação sexual e o homossexualismo, e também para as regras de etiqueta, ensinando à leitora como se portar bem diante de diversas situações.

O gênero juvenil que é representado apenas por uma obra, mas que não por isso pode-se dizer que era menos visado pelo público, visto que ele compareceu à lista dos mais vendidos, foi cultura/educação, cuja representação é *O homem que calculava*, que narra a história de um viajante que conhece vários lugares do Oriente, explorando conceitos da geografia e da matemática.

O livro apresenta, de forma romanceada, alguns problemas, quebra-cabeças e curiosidades da matemática. Em certa passagem narra, inclusive, uma das lendas da origem do jogo de xadrez. Na obra também são abordados alguns costumes da cultura Islã.

Assim, percebe-se que, na década de 1980, enquanto as crianças apreciavam obras de entrelaçamento entre os códigos visual e escrito, no período de 1994 a 2004 elas passam a apreciar as obras de temas mais complexos, que tenham um conteúdo concreto, não apenas seqüências narrativas ilustradas. Já os jovens, que na década de 1980 elegeram o suspense como tema principal de suas escolhas, entre 1994 e 2004 buscam a fantasia e questões relacionadas à adolescência nos textos que escolhem para ler.

Não se pode deixar de observar que, enquanto na década de 1980 o gráfico representava sete obras infantis e apenas três juvenis, no período de 1994 a 2004 vêem-se cinco obras infantis e cinco juvenis. O fato de hoje, aparentemente, o jovem estar mais inserido ao mundo da leitura do que na década de 1980 pode estar relacionado ao surgimento da série best-seller de *Harry Potter*, que despertou o interesse pela leitura em jovens de muitos países, inclusive o Brasil.

Ceccantini (2004: 21) define de maneira clara o porquê da literatura infanto-juvenil ser um gênero tão oscilante, isto é, porque o gosto das crianças e jovens muda de período a período. Deve-se prestar mais atenção ao leitor, que pode descobrir no livro um grande instrumento de cidadania e educação:

o conceito de infância, que gera as condições de produção, muda de forma substancial; da mesma maneira, pode ser radicalmente diferente o modo como os textos são lidos, tanto por públicos primários ou secundários quanto por públicos de especialistas ou leigos. Tudo isso sugere um tipo de literatura definido mais em termos do leitor do que das intenções dos autores ou dos próprios textos. E também demonstra a relação estreita entre texto e leitor e, conseqüentemente, a peculiar honestidade e realismo requeridos pelo crítico de literatura infanto-juvenil. (Ceccantini 2004: 21).

Assim, pode-se dizer que a produção literária infanto-juvenil é algo que deve ser sempre renovado, visto que, como citado, o conceito de infância, e mesmo de juventude, mudam freqüentemente. A criança e o jovem de décadas atrás não têm o mesmo gosto que os de hoje em dia, e isso é comprovado por essa pesquisa. Deve-se ter em mente, sempre, que a literatura infanto-juvenil é um meio de se passarem valores importantes aos seus leitores, que estão em sua fase de formação moral e biológica. No entanto, não se pode esquecer do fato de que a leitura deve ser estimulada como um hábito prazeroso, longe de qualquer obrigação imposta pela escola e mesmo pelos pais.

THE INTERFACES OF CHILDREN AND YOUTH'S LITERATURE:
THE SCENARY BETWEEN THE PAST AND THE PRESENT.

ABSTRACT: The reader's tastes, especially that of children and teenager literature, is seldomly the object of study and researches. That in mind, the reader is someone whom it is necessary to convince and to seduce, and the fact that it is very difficult for teachers and parents to try to stimulate children and youths to like to read, competing with virtual entertainment, this paper proposes to make a profile of the reader of children and teenager literature of 1980s and from 1994 to 2004, to verify what have changed in these twenty years.

KEYWORDS: market, reader, reading, children and youth's literature.

OBRAS CITADAS:

ALMEIDA, Marco Antonio. s/d. Resenha sobre *Le roman policier ou la modernité*. São Paulo.

BENNETT, William J. 1993. *Técnicas de Negociação*. São Paulo: CLIO Editora.

CECCANTINI, João Luis C. T (org.). 2004. *Leitura e literatura infanto-juvenil: memórias de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

CORTINA, Arnaldo. 2006. *História da leitura no Brasil: 1960-2000*. Estudos Lingüísticos XXXV, p. 369-378.

DUBOIS, Jacques. 1992. *Le roman policier ou la modernité*. Paris : Éditions Nathan.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. 2001. *A pesquisa sobre leitura no Brasil: 1980 – 1995*. Campinas, SP: Komedí, Arte Escrita.

FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine. 1997. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo: Ática.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. 1998. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.

REIMÃO, Sandra. 1996. *Mercado editorial brasileiro 1960-1990*. São Paulo: Com-Arte e FAPESP.